

ANÁLISE ECONÔMICA DO SETOR DE GASTRONOMIA NO BRASIL: CONTRIBUIÇÃO DO SETOR PARA A ECONOMIA BRASILEIRA E PARA O MERCADO DE TRABALHO

RESUMO: O objetivo geral desta pesquisa foi realizar uma análise do setor de gastronomia no Brasil sob a perspectiva econômica, buscando sistematizar informações sobre o setor na perspectiva das empresas do ramo, como estas vem contribuindo para o crescimento da economia brasileira e qual o perfil do mercado de trabalho para esta área. A principal fonte de coleta dos dados foi o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. As principais pesquisas feitas pelo IBGE que foram utilizadas para a coleta dos dados são: a) Contas Nacionais e Regionais: foram coletados o Produto Interno Bruto – PIB e Valor Adicionado Bruto – VAB, para fins de cálculo de porcentagem da produção do setor de gastronomia em relação ao total dos setores, com abrangência geográfica de Brasil, Nordeste e Paraíba, de 2007 a 2015; b) Pesquisa Anual de Serviços: foi possível obter dados apenas sobre o setor de alimentação, sendo a variável obtida a Receita Operacional Líquida das Empresas pela Classificação das Atividades, com abrangência apenas nacional e série histórica de 2007 a 2015; e c) Cadastro Central de Empresas: é o melhor acervo de dados sobre empresas e outras organizações formais do IBGE. As variáveis obtidas foram número de unidades locais, pessoal ocupado total, pessoal ocupado assalariado, salários e outras remunerações e salário médio mensal, com abrangência geográfica de Brasil, Nordeste e Paraíba e série histórica de 2007 a 2015. Com os dados coletados de três pesquisas do IBGE, é possível afirmar que o setor de alojamento e alimentação representou, em 2015, 2,38% do que foi produzido pelas empresas para compor o Valor Adicionado Bruto (VAB) do país. Falando especificamente sobre as empresas do setor de alimentação, estas corresponderam a 3,60% do pessoal total ocupado, mas apenas a 1,63% dos salários pagos, demonstrando uma necessidade de maior valorização do profissional da área. Tratando especificamente do Nordeste e da Paraíba, conclui-se que, no geral, o setor de alimentação cresceu mais na região e no estado do que na média nacional, exceto no que se refere aos salários.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Econômica; Setor de Gastronomia; Economia Brasileira; Mercado de Trabalho.

ABSTRACT: The general objective of this research was to perform an analysis of the gastronomy sector in Brazil from the economic perspective, seeking to systematize information about the sector from the perspective of the companies in the industry, as these have been contributing to the growth of the Brazilian economy and the profile of the Brazilian market work for this area. The main source of data collection was the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). The main researches done by IBGE that were used to collect data are: a) National and Regional Accounts: Gross Domestic Product - GDP and Gross Value Added (GVA) were collected for the purpose of calculating the percentage of production in the gastronomy sector in relation to the total of the sectors, with geographical coverage of Brazil, Northeast and Paraíba, from 2007 to 2015; b) Annual Survey of Services: it was possible to obtain data only on the food sector, with the variable being obtained the Net Operational Revenue of the Companies by Classification of Activities, with only national scope and historical series from 2007 to 2015; and c) Central Business Register: it is the best data collection on companies and other formal IBGE organizations. The variables obtained were number of local units, total employed persons, salaried employees, wages and other salaries and average monthly salary, with geographic coverage of Brazil, Northeast and Paraíba and historical series from 2007 to 2015. With data collected from three surveys of IBGE, it is possible to affirm that the housing and food sector represented, in 2015, 2.38% of what was produced by the companies to make up the Gross Value Added (GVA) of the country. Speaking specifically about food companies, these corresponded to 3.60% of the total staff employed, but only to 1.63% of salaries paid, demonstrating a need for greater appreciation of the professional of the area. In dealing specifically with the Northeast and Paraíba, it is concluded that, in general, the food sector grew more in the region and state than in the national average, except for wages.

PALAVRAS-CHAVE: Economic analysis; Gastronomy Sector; Brazilian economy; Job market.

1. INTRODUÇÃO

A alimentação não somente se faz como uma necessidade básica ao ser humano, mas também é um fator primordial na rotina da humanidade, uma vez que sua ausência ocasiona o aparecimento de doenças causadas pela falta de nutrientes contidos nos alimentos e que são essenciais ao bom funcionamento do corpo humano.

No Brasil, o surgimento dos primeiros restaurantes dá-se no momento da transferência da corte portuguesa para o país em 1808. O gosto refinado formado pelos hábitos europeus da realeza associado à abertura dos portos (proporcionando a chegada de novos ingredientes e temperos) tiveram sua importância no desenvolvimento do setor. Foi justamente na Corte, sediada na cidade do Rio de Janeiro, que apareceram os primeiros restaurantes, inicialmente dentro dos hotéis, e depois como empreendimentos independentes da rede hoteleira, denominados de leiterias ou confeitarias (MELO, 2000).

Até a década de 1950, no Brasil, para a maioria da população, comer fora do lar ainda era sinônimo de algum grande acontecimento familiar, profissional ou de cunho comemorativo. No geral, a alimentação das famílias brasileiras era feita exclusivamente no lar. A partir do processo de industrialização, intensificado na segunda metade do século XX, mudanças profundas no comportamento e na sociedade brasileira, tais como o afastamento da mulher dos lares em virtude do trabalho externo na necessidade de buscar uma renda que complementasse o orçamento familiar, com a consequente redução de sua disponibilidade para preparar as refeições em sua própria casa, geraram um novo conjunto de mudanças mercadológicas no que tange a alimentação fora do lar (RIBEIRO, 2012).

Com essa nova demanda de pessoas buscando e consumindo cada vez mais os produtos e serviços oferecidos pelos restaurantes, podemos verificar uma expansão dos serviços rápidos de alimentação, com refeições padronizadas e de elaboração simplificada, que acabou por modificar ainda mais o padrão de consumo das famílias brasileiras. Comer fora se tornou, portanto, um hábito para a população, sejam os trabalhadores em restaurantes self-service ou crianças nas cantinas escolares, de acordo com cada perfil e possibilidade financeira. Comer fora deixou de ser ocasião especial e tornou-se cotidiano e rotineiro (RIBEIRO, 2012).

Segundo Instituto Foodservice Brasil – IFB, o setor de alimentação fora do lar cresceu entre os anos de 2013 e 2016, sendo o crescimento de 21,8% e de 16,0% nos anos de 2013 e 2014, respectivamente, de 6,2% no ano de 2015, e de 5,2% no ano de 2016.

Apesar de já existirem algumas pesquisas referentes ao setor de alimentação fora do lar, o qual engloba a maior parte do mercado de Gastronomia, ainda não existe uma sistematização mais detalhada das informações existentes sobre o mercado e como este é representativo no contexto atual da economia brasileira. Sendo assim, justifica-se a realização desta pesquisa, que tem como foco **realizar uma análise sob a perspectiva econômica do setor de gastronomia, buscando demonstrar sua relevância para a economia brasileira tanto através do faturamento e do lucro gerado pelas empresas como pela quantidade de postos de trabalho existentes.**

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Análise Econômica do Setor de Gastronomia

O setor de gastronomia é um destaque entre os empreendimentos brasileiros e especificamente no setor de serviços, pois vem acompanhando o desenvolvimento da economia brasileira (ARBACHE E TELES, 2006). De acordo com o Valor Econômico (2015), 20% das empresas do ramo de serviços fazem parte do setor de alimentação, sendo esta a atividade com a maior quantidade proporcional de empresas dentro do setor de serviços e também com a maior proporção de empregados.

Segundo a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes – ABRASEL, desde o começo da última década o Brasil desenvolveu um modelo comercial e cultural de alimentação em que a culinária brasileira foi reformulada de fato como gastronomia e culminou em um formato mais comercial visando movimentar um mercado não muito desenvolvido no país. A política de governo desenvolvida em meados dos anos 2000 colocou a população em um patamar mais elevado de consumo, aumentando visivelmente seu poder de compra, caracterizado pela mudança de hábitos do consumidor, que já não mais se contentava em levar apenas produtos básicos, como

cereais e legumes, mas também passou a incrementar alimentos novos que começaram a caber no orçamento familiar.

A renda do trabalhador e o processo de urbanização são responsáveis por boa parte dos números positivos obtidos no mercado de gastronomia, a exemplo do mercado de Food Service (alimentação fora de casa) que movimentou cerca de mais de R\$ 260 bilhões só no ano de 2013, registrando um crescimento de mais de 12% ao ano na última década, colocando o crescimento estimado do mercado de Food Service em 3% diante dos 0,3% do PIB brasileiro no ano de 2015 (ABRASEL, 2015).

Segundo a Forbes (2015), a alimentação fora de casa já representa cerca de 32% dos gastos, número expressivamente maior do que os 20% registrados em anos anteriores. Levando em consideração a desaceleração da urbanização, a estimativa econômica é que haja um crescimento médio no mercado gastronômico entre 6% e 7% por ano, representando cerca de mais de 75 milhões de refeições fora de casa.

A pesquisa mais recente da Associação Brasileira das Indústrias de Alimentação – ABIA informa que o faturamento do setor de alimentação no Brasil alcançou um faturamento de R\$ 614,3 bilhões em 2016, que representa um crescimento de 9,3% em relação a 2015, demonstrando que mesmo com uma queda do setor de produção de 0,96%, houve uma significativa melhora em relação a 2015 que apresentou uma queda de 2,9% no mesmo setor. Na mesma pesquisa, destacam-se também o setor de vendas que se manteve estável com uma queda de 0,63% se comparado ao ano anterior que apresentou uma queda de 2,73%, e o setor de exportações que apresentou um aumento de 3,4% em 2016, representando US\$ 36,4 bilhões.

Em 2016, o volume de investimentos no setor de alimentação foi de R\$ 9 bilhões, o que representou uma queda de 14,3% em relação aos R\$ 10,5 bilhões de 2015, em contrapartida, houve um aumento expressivo de 25,7% no setor de fusões e aquisições, o que corresponde a R\$ 11,6 bilhões (ABIA, 2017).

Ainda segundo a ABIA (2017), a movimentação do setor se dá em função da mudança nos investimentos, em que segundo as estratégias gerenciais, as corporações não estão investindo em fábricas novas, mas sim comprando outras já em funcionamento, o que não proporciona geração de novos empregos, porém mostra que o setor está se mantendo firme no mercado, com projeções que variam de 0,6% a 1,2% de

aumento na produção, 0,7% a 1,5% de aumento no setor de vendas e aumento real de 0,63% no faturamento total.

O faturamento do setor de foodservice no Brasil foi de R\$ 154,2 bilhões em 2016, com um crescimento de 7,08% em relação a 2015 (faturamento de R\$ 144,0 bilhões), sendo que o faturamento vem crescendo ininterruptamente desde 2010 (ABIA, 2017).

Para comparar o quanto o faturamento do setor de gastronomia representa do Produto Interno Bruto – PIB, antes é necessário conceituar o que significa e como se calcula o PIB. De acordo com Blanchard (2011), o PIB é “o valor dos bens e serviços finais produzidos em uma economia em um dado período” (op. cit., p. 18).

Ainda de acordo com o Blanchard (2011), o PIB pode ser medido pela soma do Consumo (bens e serviços adquiridos pelos consumidores) com os Investimentos fixos (tanto empresariais como residenciais) e com os gastos do Governo (bens e serviços adquiridos pelos governos em todos os âmbitos), somando-se a isso o valor das exportações e subtraindo-se o valor das importações.

De acordo com Estadão (2011), o PIB pode ser calculado de duas maneiras. Uma delas é esta que já foi apresentada, que é pela ótica da demanda, ou seja, de quem compra as riquezas produzidas no país. Nesse caso, são considerados o consumo das famílias, o consumo do governo, os investimentos do governo e de empresas privadas e a soma das exportações e das importações.

Quanto à outra maneira, na ótica da oferta, Nogami (2016) entende este cálculo como todo o valor agregado de todos os bens e serviços finais produzidos dentro do território econômico do país, independentemente da nacionalidade dos proprietários das unidades produtoras desses bens e serviços, sendo medido a preços de mercado.

Partindo para a metodologia oficial de cálculo do PIB na ótica da oferta, o IBGE (2009) diz que o primeiro passo é calcular o Valor Adicionado Bruto – VAB a preços básicos, sendo este obtido “pela diferença entre o valor bruto da produção a preços básicos e o consumo intermediário a preços de consumidor por atividade econômica”.

Pessoa (2017) complementa informando que “o Valor Adicionado Bruto (VAB) é o valor que cada setor da economia (agropecuária, indústria e serviços) acresce ao valor final de tudo que foi produzido em uma região”.

Sendo assim, demonstra-se o quanto cada setor econômico agrega, em preços básicos, aos bens intermediários no intuito da elaboração de bens, por atividade econômica, destinados ao consumo final. Dessa maneira, “o Produto Interno Bruto (PIB) é a soma dos VABs setoriais e dos impostos (PESSOA, 2017)”, de forma que cada impostos que recaiam sobre determinados bens, serviços e/ou produto sejam adicionados aos VABs, totalizando, assim, o PIB.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o PIB Brasileiro a preços correntes foi de R\$ 6,266 trilhões em 2016. Desconsiderando os efeitos da inflação e calculando o PIB anualmente a preços de 1995, é possível afirmar que o PIB recuou 3,6% em relação a 2015. Como em 2015 o PIB já havia recuado 3,8% em relação a 2014, é possível afirmar que o Brasil está em recessão por ter tido duas retrações seguidas (IBGE, 2017).

Em relação ao PIB do estado da Paraíba, segundo o Paraíba Total (2017) – Canal de Economia, Mercado e Negócios – em valores correntes, gerou, R\$ 56,140 bilhões, dos quais R\$ 50,104 bilhões dizem respeito ao Valor Adicionado Bruto (VAB) e o restante aos Impostos sobre produtos, líquidos de subsídios.

No que diz respeito às participações desses componentes na formação do valor do PIB paraibano, o VAB emergiu de 88,8% para 89,2%, no período 2014-2015, enquanto os impostos resultaram em declínio de 11,2% em 2014, para 10,8% em 2015 (PARAÍBA TOTAL, 2017).

Sendo assim, a metodologia de cálculo aqui desenvolvida será utilizada para identificar o quanto o setor de gastronomia contribui para o PIB Brasileiro, Nordeste e Paraibano, quando existirem dados por área geográfica.

2.2 Mercado de Trabalho em Gastronomia

As primeiras faculdades de gastronomia surgiram no Brasil na década de 90 e desde então já formaram milhares de profissionais, segundo o Mundo Vestibular (2018). O Guia do Estudante (2012) traz a informação que o profissional da área de Gastronomia deve possuir conhecimentos tanto no planejamento e elaboração de cardápios quanto na higiene e segurança dos alimentos, bem como habilidades nas preparações e até especializar-se em uma das áreas de atuação no mercado.

O campo de trabalho vai muito além de executar receitas, cabendo aos profissionais à missão de ampla variabilidade. O profissional pode ser auxiliar de cozinha, conforme explica a Escola de Gastronomia Aires Scavone (2018), sendo responsável pelo pré-preparo, higienização e organização de diversos setores da cozinha; Cozinheiro, com a responsabilidade acerca da organização da *mise-en-place* (operações que antecedem a preparação da comida), execução das preparações e armazenagem das mesmas; *Subchef*, supervisionando e coordenando a equipe, bem como substituindo o *chef* em sua ausência; e *Chef* de cozinha, onde cabe ao mesmo o comprometimento de criar e elaborar pratos e cardápios, supervisionar e orientar a equipe bem como o preparo e a montagem do empratado, entre outras funções; já o confeitoiro – *chef pâtissier* – é o responsável por criar e executar receitas de pães, doces, bolos, recheios, biscoitos, caldas, sorvetes e sobremesas em geral.

O profissional de Gastronomia pode, também, atuar como consultor – prestando assessoria para abertura e melhoramento de bares e restaurantes, como *personal chef* – de forma independente e trabalhando no ambiente do contratante, como segurança alimentar – atuando na vistoria dos alimentos em cozinhas industriais e restaurantes, bem como em hospitais, hotéis, restaurantes, bufês, lanchonetes, indústria, bares, companhias aéreas, escolas e universidades (GUIA DO ESTUDANTE, 2011).

A Escola de Gastronomia Aires Scavone (2018) explana que devido um público cada vez mais exigente, o setor de bares e restaurantes passaram a priorizar a escolha por experiência e qualificação profissional de modo que esses profissionais possam vir agregar serviços de qualidade através de técnicas, segurança e higiene alimentar, contribuindo então para a valorização salarial do setor que varia conforme cargo, qualificações e experiência do profissional.

De acordo com os dados mais recentes da Pesquisa de Conjuntura do Setor de Alimentação Fora do Lar (2016) feita pela Associação Brasileira de Bares e Restaurantes – ABRASEL, em parceria com a FISPAL *Food Service*, a quantidade de postos de trabalho no setor foi afetada pela crise econômica. Enquanto que, no primeiro trimestre de 2016, 64% das empresas entrevistadas realizaram reduções em seu quadro de pessoal, no segundo trimestre do mesmo ano a redução do quadro foi realizada por 47% das empresas. No Nordeste, as empresas entrevistadas sofreram em média uma redução de 6,38% dos seus postos de trabalho (ABRASEL, 2016).

De acordo com o Cadastro Central de Empresas do IBGE, em 2007 eram 249.540 as empresas que prestavam serviços de alimentação à população brasileira. Em 2013, esse número chegou ao ápice de 305.096 empresas, caindo para 299.158 em 2015. Falando acerca do pessoal ocupado, esta mesma pesquisa informa que as empresas do setor de alimentação tiveram em 2007 um total de 1.292.038 pessoas ocupando funções, remuneradas ou não. Em 2015, este número cresceu para 1.928.766 pessoas ocupadas, demonstrando um crescimento de 49,28% em oito anos.

Acerca das remunerações, o *site salário.com.br* apresenta dados atualizados como setores com os melhores salários, piso salarial, média salarial e salários de acordo com o nível profissional, conforme a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), no período de Novembro/2017 a Junho/2018, segundo dados salariais oficiais informados pelas empresas ao Ministério do Trabalho.

O piso salarial do Brasil de um Gastrólogo (Tecnólogo em Gastronomia CBO 271110) é de R\$ 1.497,62, por uma jornada de trabalho de 41 horas semanais, enquanto que a média salarial de um *Chef* de Cozinha (CBO 271105) é de R\$ 2.011,48, numa jornada de 44 horas por semana. Desta forma, evidencia-se a necessidade de uma regulamentação sobre tais profissões para fins de equiparação salarial conforme grau de escolaridade.

3. METODOLOGIA

3.1. Método

Este estudo utilizou-se da pesquisa exploratória e quantitativa. Segundo Malhotra (2001), estudos onde o conhecimento sobre um tema é pouco estudado, caracteriza-se como uma pesquisa exploratória. Conforme contextualizado na introdução e na fundamentação teórica, ainda são poucos os estudos realizados sob a perspectiva econômica do setor de gastronomia.

A pesquisa é considerada quantitativa, pois pretende-se utilizar bases de dados secundárias para a coleta e análise dos dados, seguindo as pesquisas realizadas na fundamentação teórica.

3.2. Coleta de Dados

A principal fonte de coleta dos dados foi o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. As principais pesquisas feitas pelo IBGE que foram utilizadas para a coleta dos dados são:

a) Contas Nacionais e Regionais: a pesquisa de contas nacionais e regionais do IBGE apresenta informações sobre a geração, à distribuição e o uso da renda no Brasil.

- Variáveis obtidas: Produto Interno Bruto – PIB e Valor Adicionado Bruto – VAB, para fins de cálculo de porcentagem da produção do setor de gastronomia em relação ao total dos setores.
- Abrangência Geográfica: Brasil, Nordeste e Paraíba
- Série histórica: dados obtidos de 2007 a 2015.

b) Pesquisa Anual de Serviços: segundo o IBGE, esta pesquisa tem por objetivo “identificar as características estruturais básicas das atividades prestadoras de serviços e suas transformações no tempo”, permitindo estimar e construir indicadores de desempenho do setor; no detalhamento da pesquisa é possível obter dados apenas sobre o setor de alimentação:

- Variáveis obtidas: Receita Operacional Líquida das Empresas pela Classificação das Atividades conforme CNAE 2.0
- Abrangência Geográfica: Brasil
- Série histórica: dados obtidos de 2007 a 2015.

c) Cadastro Central de Empresas: é o melhor acervo de dados sobre empresas e outras organizações formais do IBGE, reunindo informações de diversas pesquisas anuais feitas por esse Instituto e pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social.

- Variáveis obtidas: Número de unidades locais, pessoal ocupado total, pessoal ocupado assalariado, salários e outras remunerações e salário médio mensal.
- Abrangência Geográfica: Brasil, Nordeste e Paraíba.
- Série histórica: dados obtidos de 2007 a 2015.

Todos os dados foram coletados da plataforma do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Apesar de cada uma destas três pesquisas terem mais dados e mais detalhamento em termos de abrangência geográfica, os dados disponíveis gratuitamente ao público foram muito restritos. Combinando as três pesquisas, a série histórica obtida foi de 2007 a 2015.

Além disso, só foi possível coletar dados da Pesquisa Anual de Serviços a nível de Brasil. Para as outras duas (Contas Nacionais/Regionais e Cadastro Central de Empresas), além de Brasil, foram obtidos também os dados de Nordeste e Paraíba.

Todos os dados foram tabulados e sistematizados em planilhas no Microsoft Excel 2010, uma para cada variável de cada pesquisa.

3.3. Análise dos Dados

Após a coleta dos dados, foram calculadas as variáveis construídas conforme os resultados esperados. A primeira variável a ser construída teve como base o Valor Adicionado Bruto – VAB, buscando demonstrar a relação entre o VAB do setor de Alojamento e Alimentação (máximo detalhamento disponível na base de dados gratuita) e o VAB total de todos os setores. Vale esclarecer que não será possível chegar ao cálculo de PIB do setor, tendo em vista que os dados de impostos líquidos de subsídios não foram encontrados separados por setor. A variável criada está representada na equação 1, a seguir.

Participação (%) do setor de alojamento e alimentação no VAB Total = [(VAB do setor de alojamento e alimentação)/(VAB Total)]*100 (1)

Já a segunda variável construída tem como base os dados de Receita Operacional Líquida da Pesquisa Anual de Serviços e consiste em saber qual parte da receita operacional líquida total das empresas de serviços foi gerada pelo setor de serviços de alimentação. A equação está representada na equação 2, a seguir.

Participação (%) do setor de serviços de alimentação na Receita Operacional Líquida Total das Empresas de Serviços Prestados às Famílias = [(Receita Operacional Líquida do Setor de Serviços de Alimentação) / (Receita Operacional Líquida Total das Empresas de Serviços Brasileiras)]*100 (2)

Além destas variáveis, muitas outras não pretendidas foram encontradas no Cadastro Central de Empresas, tais como o número de unidades locais e os salários. Elas seguirão a mesma lógica da equação 2, demonstrando a participação do setor de alimentação em relação ao total de todos os setores.

Mesmo que seja a mesma lógica, destaca-se a equação relativa à parcela da população que está empregada no setor de alimentação, pois se refere a um dos objetivos específicos desta pesquisa. Segue a equação 3, que tem como base dados do Cadastro Central de Empresas:

Participação (%) do pessoal ocupado assalariado do setor de alimentação no total de pessoal ocupado assalariado = [(Pessoal Ocupado Assalariado no Setor de Alimentação) / (Pessoal Ocupado Assalariado Total)]*100 (3)

Além destas variáveis, serão analisadas todas aquelas coletadas diretamente das bases de dados acima referidas, buscando construir, futuramente, um indicador do desempenho das empresas do setor de gastronomia que englobe faturamento, lucratividade, despesas, salários e pessoal ocupado. Os resultados são apresentados em gráficos e tabelas elaborados com o auxílio do *Microsoft Excel 2010*.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apesar de terem sido analisadas três pesquisas realizadas pelo IBGE, os resultados aqui apresentados não se subdividem por fontes. Na primeira seção, são apresentados os dados referentes ao Valor Adicionado Bruto do Setor de Alimentação, demonstrando como este contribuiu para a Economia Brasileira, do Nordeste e do Estado da Paraíba. Na segunda seção, busca-se fazer uma análise do desempenho das empresas do setor em termos de quantidade de empresas e receita operacional líquida.

Por fim, na terceira e última seção, são analisados os dados relacionados ao mercado trabalho, como quantidade de pessoal ocupado e salários médios mensais.

4.1 Contribuição do Setor de Alojamento e Alimentação para a Economia Brasileira

Relembrando o que foi conceituado na fundamentação teórica, nesta pesquisa está sendo utilizada a variável do Valor Adicionado Bruto (VAB), que é o conjunto das riquezas produzidas pelas empresas naquele período, agregado por setor. Para se chegar ao PIB, bastaria somar ao VAB os impostos. Como não foi possível obter os dados dos impostos por setor, esta pesquisa se limitou a analisar o VAB como medida de contribuição da produção de determinado setor para a economia do país, região ou estado. A Tabela 1, apresentada a seguir, traz os dados de Valor Adicionado Bruto Total (de todos os setores), apresentado para Brasil, Nordeste e Paraíba, em 2007 e 2015.

Tabela 1

Brasil, Nordeste e Paraíba, de 2007 a 2015

Valor Adicionado Bruto (em milhões de reais) de todos os setores

BR, NE e PB	Valor adicionado bruto (1 000 000 R\$)	
	2007	2015
Brasil	2 319 528	5 155 601
Nordeste	309 280	748 066
Paraíba	20 571	50 104

Fonte: Sistema de Contas Regionais do IBGE

Conforme demonstra a Tabela 1, em 2015, o Valor Adicionado Bruto Total do Brasil ultrapassou os R\$ 5 trilhões, tendo a Paraíba mais do que duplicado o seu valor em oito anos, de R\$ 20.571 milhões em 2007 para R\$ 50.104 milhões em 2015.

Destaca-se que não foi possível detalhar os dados do VAB para setores específicos como restaurantes, catering e bufê, sendo possível apenas chegar ao setor de “Alojamento e Alimentação”. Ou seja, fica claro que nesta seção dos resultados são apresentados dados muito mais amplos do que apenas o setor de gastronomia, envolvendo também toda a parte de alojamento, ligada ao setor de turismo. A Tabela 2 demonstra o VAB do setor de Alojamento e Alimentação, nos mesmos moldes e períodos da Tabela 1.

Tabela 2

Brasil, Nordeste e Paraíba, de 2007 a 2015

Valor Adicionado Bruto (em milhões de reais) do Setor de Alojamento e Alimentação

BR, NE e PB	Valor adicionado bruto (1 000 000 R\$)								
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Brasil	46 393	46 237	57 126	70 204	82 354	94 232	108 067	124 932	122 632
Nordeste	7 630	7 994	10 445	12 154	14 889	16 659	19 245	22 199	22 018
Paraíba	452	506	616	777	899	1 057	1 158	1 349	1 323

Fonte: Sistema de Contas Regionais do IBGE

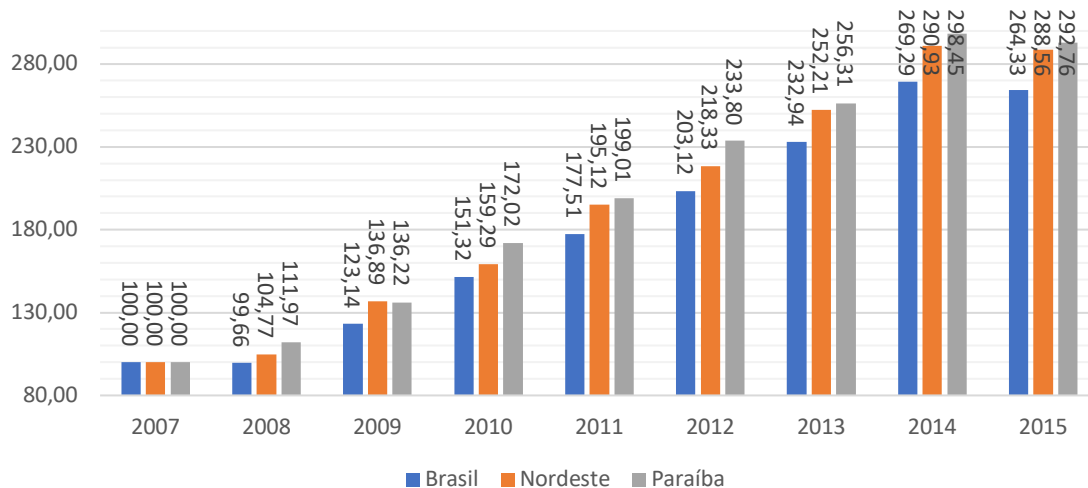
Observando a Tabela 2, verifica-se que o VAB do Setor de Alojamento e Alimentação no Brasil mais do que duplicou nesses oito anos. Na Paraíba, alcançou a marca de mais de um bilhão de reais a partir de 2012, chegando a R\$ 1,323 bilhões em 2015.

O Gráfico 1, a seguir, demonstra os dados da Tabela 2 em formato de índice, tomando como base o ano de 2007 (2007 = 100), indicando o quanto cresceu o Valor Adicionado Bruto do Setor de Alojamento e Alimentação desde 2007.

Gráfico 1

Brasil, Nordeste e Paraíba, de 2007 a 2015

Crescimento do Valor Adicionado Bruto do Setor de Alojamento e Alimentação

**Fonte:** Elaboração Própria, com base nos dados do Sistema de Contas Regionais do IBGE

No Gráfico 1, observa-se o quão importante para o VAB nacional é o setor de alojamento e alimentação, uma vez que o Valor Adicionado Bruto cresce gradativamente de 2007 a 2014, injetando reflexos monetários na economia. Apenas no

ano de 2015 que o VAB do setor sofre uma leve queda, mas no geral o VAB mais do que duplicou entre 2007 e 2015.

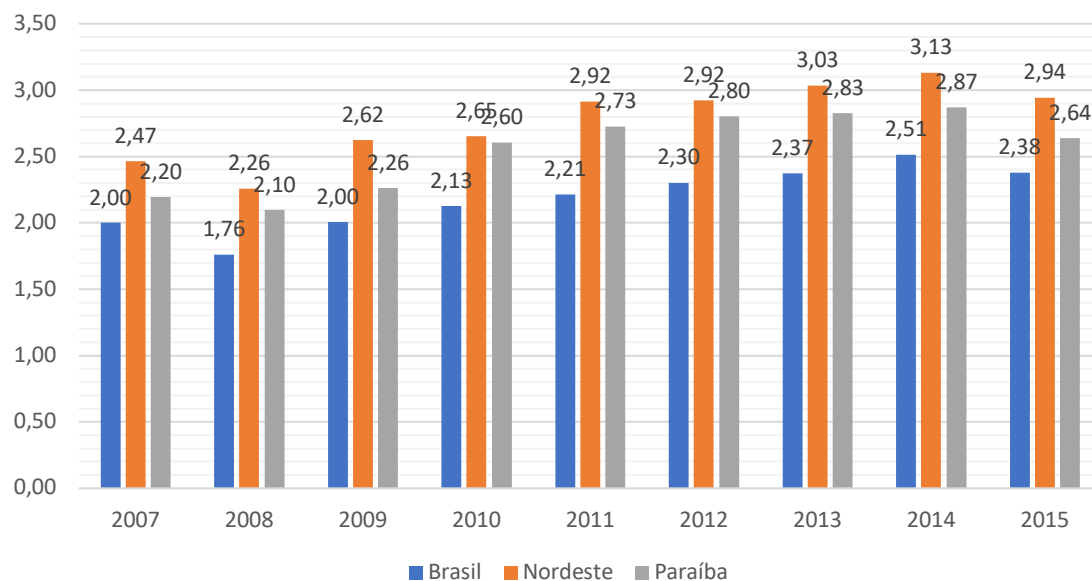
O que também se verifica, em termos locais, é que o VAB do Setor de Alojamento e Alimentação do Estado da Paraíba cresceu em termos percentuais mais do que o Nordeste e o Brasil, chegando a quase que triplicar em 2014 (quando comparado a 2007). No geral, o setor de alojamento e alimentação também cresceu mais no Nordeste do que no Brasil.

De forma a saber o quanto o setor de alojamento e alimentação representa do total de todos os setores, foi aplicada a equação apresentada na metodologia, calculando (em percentual) a razão entre o VAB do setor de alojamento e alimentação e o VAB de todos os setores. Os resultados são demonstrados no Gráfico 2, a seguir.

Gráfico 2

Brasil, Nordeste e Paraíba, de 2007 a 2015

Participação do Valor Adicionado Bruto do Setor de Alojamento e Alimentação em Relação ao Valor Adicionado Bruto Total (em %)



Fonte: Elaboração Própria, com base nos dados do Sistema de Contas Regionais do IBGE

Primeiro analisando no âmbito nacional, em 2007 o VAB do setor de alojamento e alimentação representava 2,00% do VAB Total, tendo alcançado seu valor máximo em 2014, representando 2,51% do total, caindo para 2,38% em 2015. Já quando se trata da Região Nordeste, desde o início do período de análise que este percentual é maior do que o Brasil (2,47% em 2007), tendo ultrapassado os 3% em 2013 e 2014, fechando em

2015 com uma participação de 2,94% do VAB Nordeste. Na Paraíba, o VAB do setor de alojamento e alimentação representava, em 2007, 2,20% do VAB Total do Estado, alcançando a marca de 2,87% em 2014, e caindo para 2,64% em 2015.

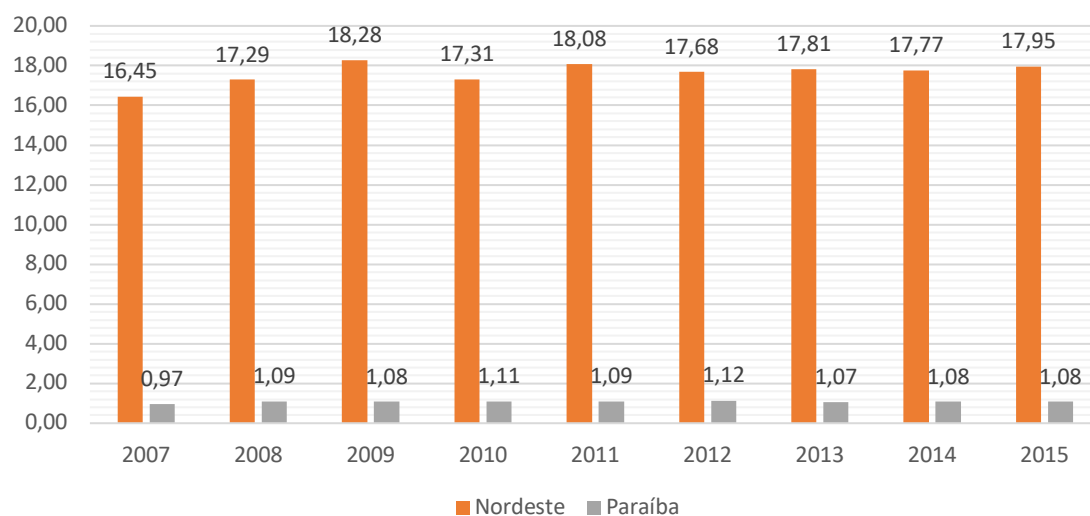
A participação do VAB do setor de alojamento e alimentação girar entre 2% e 3% do VAB total pode parecer pouco, mas tem sua relevância. Analisando especificamente a Paraíba, sabendo que a Agropecuária, a Indústria e a Administração Pública juntas já representam cerca de 55% do VAB do Estado, e que os setores de serviços automotivos e atividades imobiliárias juntos representam mais 25%, apenas os 20% restantes do VAB são divididos entre muitos outros setores. Para que se tenha uma ideia, o setor de alojamento e alimentação tem mais representatividade do que os setores de transporte e armazenagem e informação e comunicação, e tem representatividade semelhante as dos setores de educação e saúde privadas e atividades financeiras (IBGE, 2015).

Para verificar a representatividade da Região Nordeste e do Estado da Paraíba, foi criado o Gráfico 3, que demonstra a participação do VAB do Setor de Alojamento e Alimentação no Nordeste e na Paraíba no VAB do Setor de Alojamento e Alimentação no Brasil.

Gráfico 3

Brasil, Nordeste e Paraíba, de 2007 a 2015

Participação do Valor Adicionado Bruto do Setor de Alojamento e Alimentação do Nordeste e da Paraíba em relação ao Valor Adicionado Bruto do Setor de Alojamento e Alimentação do Brasil



Fonte: Elaboração Própria, com base nos dados do Sistema de Contas Regionais do IBGE

Conforme Gráfico 3, o Nordeste comportou, em 2015, quase 18% do VAB do Setor de Alojamento e Alimentação Brasileiro, enquanto que a representatividade da Paraíba foi de 1,08% do VAB do Setor no Brasil. No geral, o Gráfico demonstra que estes valores vem sendo estáveis no tempo, com pequenas oscilações.

A próxima seção traz dados relativos ao desempenho das empresas do setor de alimentação, em termos de números de unidades locais e de receita operacional líquida, dados obtidos através da Pesquisa Anual de Serviços e do Cadastro Central de Empresas.

4.2 Desempenho das Empresas do Setor de Alimentação

Esta seção da análise dos resultados traz os dados relativos a número de unidades locais e receita operacional líquida das empresas do setor de alimentação. Enquanto que os dados da receita operacional líquida provêm da Pesquisa Anual de Serviços do IBGE, os dados relativos à número de unidades locais são provenientes do Cadastro Central de Empresas, Pesquisa realizada também pelo IBGE.

A Pesquisa Anual de Serviços só foi disponibilizada a nível de Brasil, enquanto que o Cadastro Central de Empresas está disponível também para Nordeste e Paraíba. Concluindo esta explanação introdutória, diferentemente da seção anterior, ambas as pesquisas analisadas nesta seção tem seus dados detalhados de acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE 2.0, sendo possível obter dados apenas para o setor de alimentação e para suas duas subdivisões, quais sejam: “restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas” e Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada”.

Iniciando a análise pela Pesquisa Anual de Serviços, a Tabela 3 traz a Receita Operacional Líquida das empresas de serviços prestados às famílias, segundo a Classificação Nacional das Atividades Econômicas – CNAE 2.0, de 2007 a 2015.

Tabela 3

Brasil, de 2007 a 2015

Receita Operacional Líquida das Empresas de Serviços Prestados às Famílias

(em milhões de reais)

CATEGORIAS	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
1. Total	49.685	57.253	69.073	82.550	102.386	118.086	134.085	162.704	166.947
2.2 Serviços de alimentação	18.659	23.467	28.131	33.191	39.286	46.630	52.487	59.760	63.741
2.2.1 Restaurantes e outros serviços	11.982	15.502	18.849	22.257	26.388	31.777	36.401	41.935	45.411
2.2.2 Serviços de catering, bufê e outros	6.677	7.966	9.282	10.934	12.898	14.853	16.086	17.825	18.330

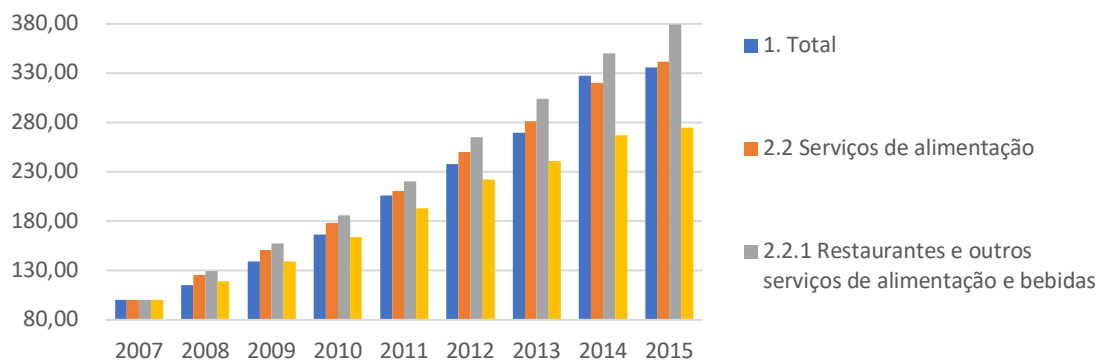
Fonte: IBGE – Pesquisa Anual de Serviços

Uma análise da Tabela 3 permite verificar que, no Brasil, a receita operacional líquida das empresas de serviços prestado às famílias mais do que triplicou entre 2007 e 2015, e o setor de alimentação segue este mesmo ritmo de crescimento, tendo as empresas desse setor tido uma receita operacional líquida de mais de R\$ 63 bilhões em 2015. Os dados da Tabela 3 foram analisados em termos de crescimento da Receita Operacional Líquida, tomando como base o ano de 2007. Os resultados foram sistematizados no Gráfico 4, a seguir.

Gráfico 4

Brasil, de 2007 a 2015

Crescimento da Receita Operacional Líquida das empresas de serviços prestados as famílias e dos grupos e subgrupos de atividades dos serviços de alimentação em relação a 2007 (2007 = 100)

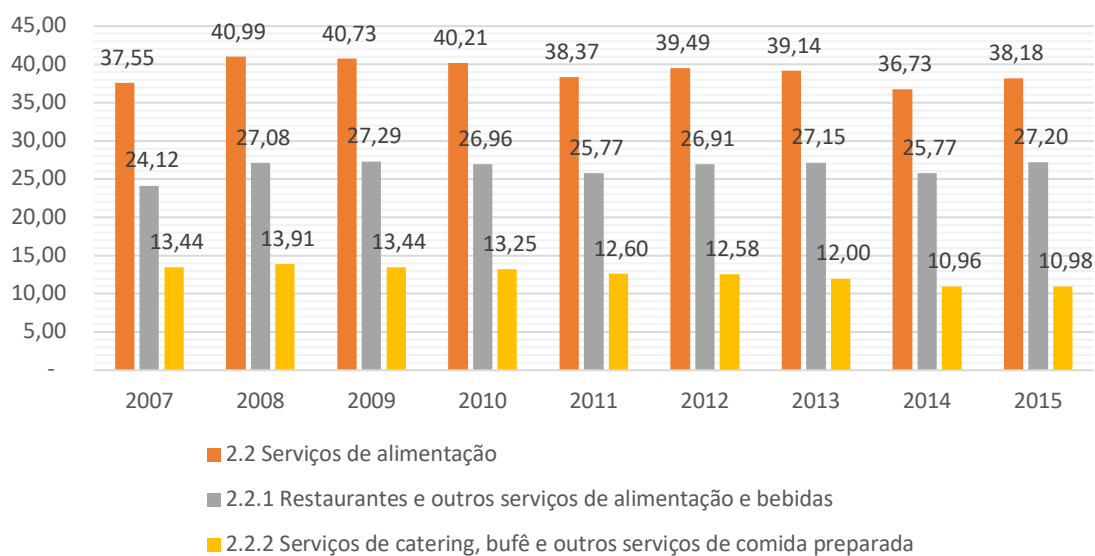
**Fonte:** Elaboração Própria, com base nos dados da Pesquisa Anual de Serviços do IBGE

De acordo com o Gráfico 4, o setor de “serviços de alimentação” cresceu mais entre 2007 e 2015 do que a média de todos os setores de serviços prestados às famílias no mesmo período, sendo apenas no ano de 2014 que a média de todos os setores superou o crescimento do setor de alimentação. Nas subdivisões do setor de serviços de alimentação, destaca-se um crescimento maior da subcategoria de “restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas”, chegando a quase quadruplicar a receita operacional líquida de 2007 a 2015. Enquanto isso, a subcategoria de “serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada” teve um crescimento mais modesto em relação aos outros setores.

Gráfico 5

Brasil, de 2007 a 2015

Participação da Receita Operacional Líquida das empresas dos grupos e subgrupos de atividades relacionadas à serviços de alimentação em relação a Receita Operacional Líquida das empresas de serviços prestados às famílias (em %)



Fonte: Elaboração Própria, com base nos dados da Pesquisa Anual de Serviços do IBGE

O Gráfico 5, acima apresentado, demonstra os percentuais de participação da receita operacional líquida do setor de serviços de alimentação e suas duas subdivisões no total da receita operacional líquida de serviços prestados às famílias, conforme equação 5 da metodologia. Observa-se que os valores não mudam significativamente ao longo do tempo, mas que o setor de serviços de alimentação tem muita representatividade, tendo sido responsável, em 2015, por 38,18% do total da receita

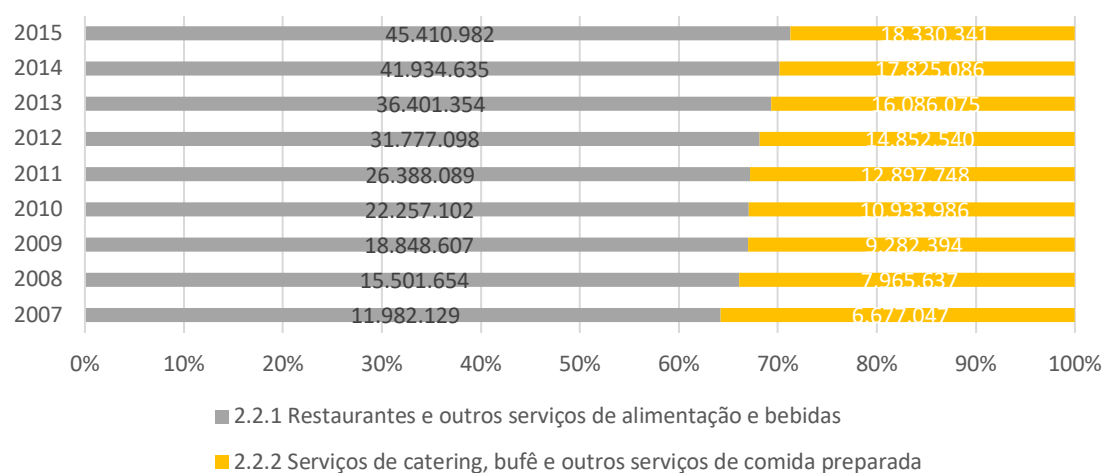
operacional líquida dos serviços prestados às famílias. Destes, 27,20% são provenientes de restaurantes e os 10,98% dos serviços de catering.

O Gráfico 6, apresentado a seguir, tem por objetivo comparar os dois subgrupos do setor de serviços de alimentação em termos de receita operacional líquida. Conforme é possível observar, o setor de restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas aumentou sua participação de 64% para 71% entre os anos de 2007 a 2015, aumentando sua receita operacional líquida em R\$ 33.428 milhões no período. Da mesma forma, o setor de Catering teve um crescimento de, aproximadamente, 247% entre os anos analisados, não sendo suficiente para manter sua participação de 36% no total do setor de alimentação em 2007, caindo para 29% em 2015.

Gráfico 6

Brasil, de 2007 a 2015

Participação da Receita Operacional Líquida das empresas dos subgrupos de atividades relacionadas à serviços de alimentação em relação a Receita Operacional Líquida das empresas de serviços de alimentação (em %)



Fonte: Elaboração Própria, com base nos dados da Pesquisa Anual de Serviços do IBGE

Tratando agora acerca do número de unidades locais, a Tabela 4 traz os dados do Cadastro Central de Empresas do IBGE, detalhado para Brasil, Nordeste e Paraíba.

De acordo com o Cadastro Central de Empresas do IBGE, eram 4.768.784 as unidades locais de empresas no Brasil em 2007. Já em 2015, este número alcança a marca de 5.603.592. Destas, 299.158 são do setor de alimentação, e mais especificamente 269.982 são restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas.

Destacando a Paraíba, em 2015 eram 2.297 as unidades locais das empresas de alimentação, sendo destes 2.094 restaurantes.

Tabela 4

Brasil, Nordeste e Paraíba, em 2007 e 2015

Número de Unidades Locais

LOC.	CNAE 2.0	2007	2015
BR	1. Total	4768784	5603592
	2.2 Alimentação	249540	299158
	2.2.1 Restaurantes e outros serviços	231879	269982
	2.2.2 Serviços de catering, bufê e outros	17661	29176
NE	1. Total	749310	860960
	2.2 Alimentação	25520	38302
	2.2.1 Restaurantes e outros serviços	23384	34476
	2.2.2 Serviços de catering, bufê e outros	2136	3826
PB	1. Total	53951	62588
	2.2 Alimentação	1395	2297
	2.2.1 Restaurantes e outros serviços	1301	2094
	2.2.2 Serviços de catering, bufê e outros	94	203

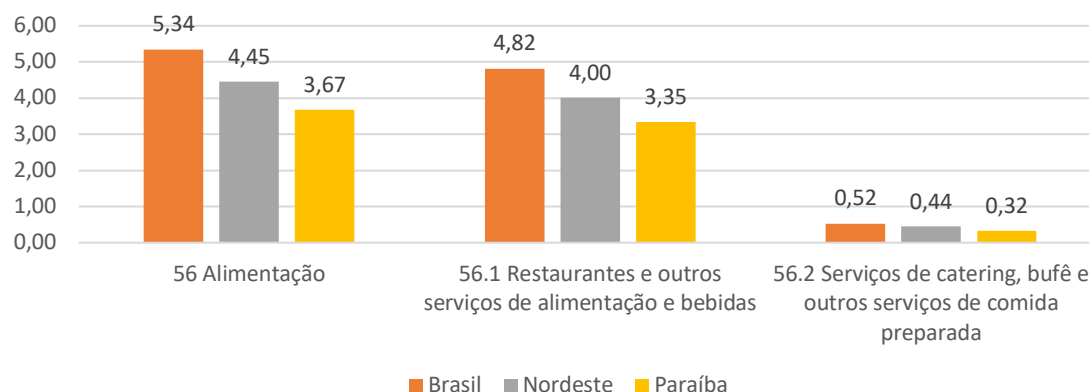
Fonte: IBGE – Cadastro Central de Empresas

O Gráfico 7 demonstra a relação (em %) entre o número de unidades locais dos grupos e subgrupos dos serviços de alimentação e o número de unidades locais totais no ano de 2015, para identificar o quanto o setor de alimentação representa no total em termos de número de empresas.

Gráfico 7

Brasil, Nordeste e Paraíba, 2015

Relação entre o número de unidades locais dos grupos e subgrupos de serviços de alimentação e o número de unidades locais totais (em %)



Fonte: Elaboração Própria, com base nos dados do Cadastro Central de Empresas do IBGE

Conforme apresentado no Gráfico 7, em 2015, as empresas do setor de alimentação representaram 5,34% das empresas brasileiras, sendo deste percentual 4,82% de restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas, e 0,52% empresas de serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada. Confrontando com os dados de Valor Adicionado Bruto (Gráfico 2), em 2015 o setor de alojamento e alimentação representou 2,38% do VAB total.

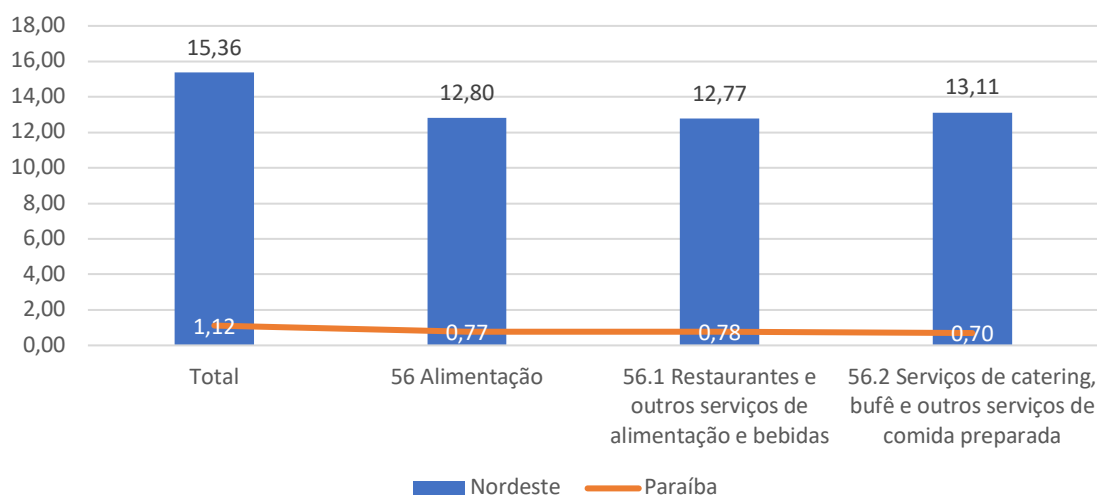
Ou seja, em termos de número de empresas, o setor tem uma participação maior (5,34%), mas quando se trata de Valor Adicionado Bruto, esse percentual de representatividade cai (2,38%), demonstrando que a média de receita / lucros por unidade do setor de alimentação é menor do que a média de outros setores, caracterizando a existência de muitas unidades de pequeno porte no setor de alimentação. O mesmo comportamento ocorre com Nordeste e Paraíba, sendo que na Paraíba 3,67% das unidades locais identificadas são do setor de alimentação.

O Gráfico 8 analisa a relação (em %) entre o número de unidades locais totais e dos grupos e subgrupos dos serviços de alimentação do Nordeste e da Paraíba e o número de unidades locais totais nos mesmos grupos e subgrupos no Brasil no ano de 2015, para identificar a representatividade de região e do estado em termos de número de unidades locais.

Gráfico 8

Nordeste e Paraíba, 2015

Relação (em %) entre o número de unidades locais e o número de unidades locais do Brasil



Fonte: Elaboração Própria, com base nos dados do Cadastro Central de Empresas do IBGE

Observa-se que, do total de unidades locais do Brasil, 15,36% estão alocados no Nordeste e 1,12% na Paraíba. No setor de alimentação, 12,8% estão localizadas no Nordeste e 0,77% na Paraíba. Já os restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas do Nordeste correspondem a 12,77% do total brasileiro, enquanto que na Paraíba o valor é de 0,78% em relação à nação.

Por fim, nos serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada, estes correspondem no Nordeste a 13,11% em relação ao número de unidades do país. Quanto ao estado da Paraíba, o mesmo equivale a 0,70% do total nacional. Isso demonstra que, no Nordeste e na Paraíba, o setor de alimentação tem uma quantidade menor proporcional de unidades locais do que de empresas de outros setores.

Nesta seção, é possível concluir que houve um crescimento do setor de alimentação no Brasil, tanto em termos de receita operacional como em número de unidades locais, mas que este crescimento apenas acompanhou o crescimento da economia brasileira como um todo, não aumentando a representatividade do setor significativamente. Destaca-se apenas um crescimento mais expressivo do subsetor de Catering. Entretanto, como ele ainda corresponde a um percentual pequeno do setor como um todo, não trouxe mudanças significativas. Já no Nordeste e na Paraíba o setor de alimentação cresceu mais do que os outros setores no período de 2007 a 2015.

A próxima seção continua a trazer os dados do Cadastro Central de Empresas, só que agora em termos de pessoal ocupado e salários.

4.3 Pessoal Ocupado e Salários no Setor de Alimentação

Os dados do Cadastro Central de Empresas do IBGE demonstram o pessoal ocupado de duas formas: o pessoal ocupado total, os quais incluem os não assalariados (sócios e estagiários voluntários), e o pessoal ocupado assalariado. A Tabela 5 traz os resultados do pessoal ocupado total para os anos de 2007 e 2015.

No Brasil, cresceu o Pessoal Ocupado Total de 42.641.175 em 2007 para 53.451.695 em 2015, ou um crescimento de 25,56%. Já no setor de alimentação e em seus subgrupos, o crescimento do Pessoal Ocupado Total no mesmo período se aproxima dos 50%.

Tabela 5
Brasil, Nordeste e Paraíba, 2007 e 2015
Pessoal Ocupado Total (em número de pessoas)

LOC.	CNAE 2.0	2007	2015
BR	1. Total	42.641.175	53.541.695
	2.2 Alimentação	1.292.038	1.928.766
	2.2.1 Restaurantes e outros serviços	1.082.405	1.619.537
	2.2.2 Serviços de catering, bufê e outros	209.633	309.229
NE	1. Total	7.314.278	9.717.621
	2.2 Alimentação	160.335	281.929
	2.2.1 Restaurantes e outros serviços	137.168	240.281
	2.2.2 Serviços de catering, bufê e outros	23.167	41.648
PB	1. Total	526.507	726.851
	2.2 Alimentação	8.588	16.774
	2.2.1 Restaurantes e outros serviços	7.695	15.119
	2.2.2 Serviços de catering, bufê e outros	893	1.655

Fonte: Elaboração Própria, com base no IBGE – Cadastro Central de Empresas

Já no Nordeste, o crescimento do Pessoal Ocupado Total em todos os setores foi de 32,86% nos oito anos, enquanto que no setor de alimentação no mesmo período foi de 75,84%. Especificamente nos serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada, o mesmo alcança um crescimento de 79,77% do Pessoal Ocupado Total.

Analisando especificamente a Paraíba, quase que duplicou o Pessoal Ocupado Total de 2007 a 2015 (de 8.588 pessoas para 16.774 pessoas) no setor de alimentação, sendo esse crescimento mais representativo no subgrupo de restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas do que nos serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada.

O Gráfico 9, a seguir demonstra a relação (em %) entre o Pessoal Ocupado Total dos grupos e subgrupos dos serviços de alimentação e o Pessoal Ocupado Total de todos os setores no ano de 2015, para identificar o quanto o setor de alimentação representa no total em termos de pessoal ocupado.

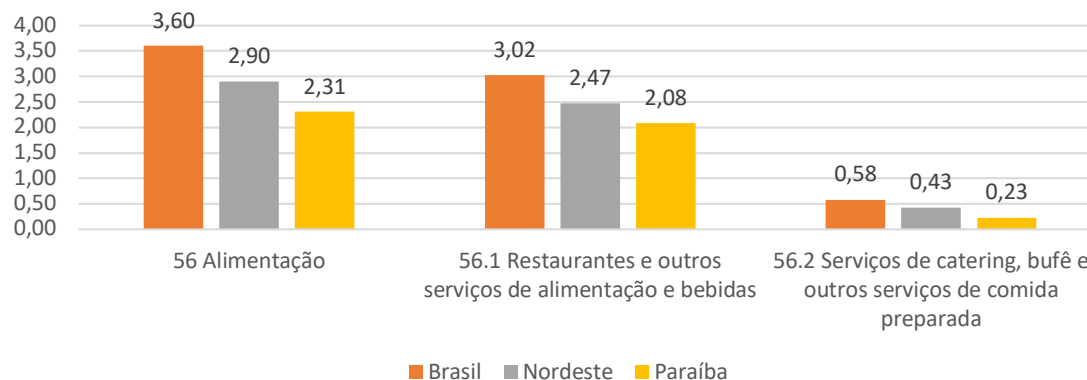
De acordo com o Gráfico 9, 3,60% do Pessoal Ocupado Total do Brasil trabalha no setor de alimentação, sendo destes 3,02% em restaurantes e 0,58% nos serviços de catering. No Nordeste e na Paraíba, esses percentuais de participação caem. Confrontando os resultados com o número de unidades locais (Gráfico 7), a participação do setor de alimentação em termos de pessoal ocupado total é menor do que o do número de unidades locais em todos os grupos e abrangência geográfica, ressaltando o

perfil de empresas de pequeno porte do setor. E apesar do crescimento expressivo do Pessoal Ocupado Total no Nordeste e na Paraíba, eles proporcionalmente continuam representando menos do que a média do setor de alimentação no Brasil todo.

Gráfico 9

Brasil, Nordeste e Paraíba, 2015

Relação entre o Pessoal Ocupado Total dos grupos e subgrupos de serviços de alimentação e o Pessoal Ocupado Total de todos os setores (em %)



Fonte: Elaboração Própria, com base nos dados do Cadastro Central de Empresas do IBGE

A Tabela 6, a seguir demonstra agora apenas o Pessoal Ocupado Assalariado nos anos de 2007 e 2015, por nível de abrangência geográfica e por grupos e subgrupos dos serviços de alimentação, conforme a Classificação Nacional de Atividades Econômicas.

Tabela 6

Brasil, Nordeste e Paraíba, 2007 e 2015

Pessoal Ocupado Assalariado (em número de pessoas)

LOC.	CNAE 2.0	2007	2015
BR	1. Total	36.658.326	46.557.150
	2.2 Alimentação	977.328	1.552.661
	2.2.1 Restaurantes e outros serviços	788.210	1.276.083
	2.2.2 Serviços de catering, bufê e outros	189.118	276.578
NE	1. Total	6.457.848	8.712.664
	2.2 Alimentação	130.767	237.351
	2.2.1 Restaurantes e outros serviços	109.871	199.836
	2.2.2 Serviços de catering, bufê e outros	20.896	37.515
PB	1. Total	463.322	654.855
	2.2 Alimentação	6.902	14.078
	2.2.1 Restaurantes e outros serviços	6.130	12.651
	2.2.2 Serviços de catering, bufê e outros	772	1.427

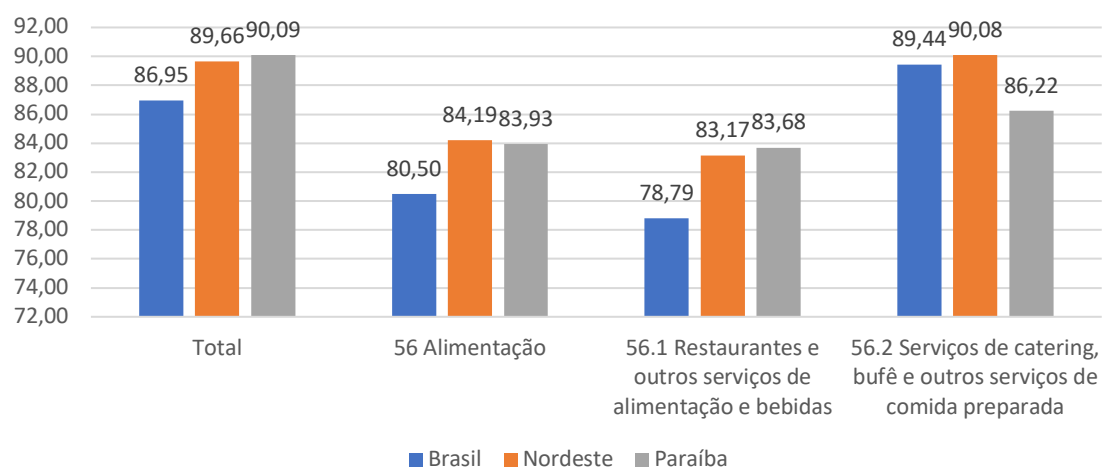
Fonte: Elaboração Própria, com base no IBGE – Cadastro Central de Empresas

Apesar dos dados absolutos serem importantes para fins de dimensionamento do mercado de trabalho do setor de alimentação, em termos percentuais as relações são muito semelhantes quando comparado com o PESSOAL OCUPADO TOTAL, conforme previsto na equação 6 da metodologia. Portanto, ilustra-se a relação entre PESSOAL OCUPADO TOTAL e PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO no Gráfico 10, a seguir.

Gráfico 10

Brasil, Nordeste e Paraíba, 2015

Relação entre o PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO e o PESSOAL OCUPADO TOTAL (em %)



Fonte: Elaboração Própria, com base nos dados do Cadastro Central de Empresas do IBGE

O principal destaque do Gráfico 10 é a queda na relação entre o PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO e o PESSOAL OCUPADO TOTAL quando se passa de todos os setores para apenas o setor de alimentação: enquanto que para todos os setores, no Brasil, esse percentual é de 86,95%, no setor de alimentação esse percentual cai para 80,50%, e o mesmo declínio acontece com o Nordeste e a Paraíba.

Nos subgrupos do setor de alimentação, os serviços de catering possuem proporcionalmente mais assalariados do que os restaurantes, demonstrando a quantidade de estagiários voluntários no subgrupo de restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas, perfil característico do setor, visto a quantidade de estudantes da área realizando estágios obrigatórios não remunerados.

Tabela 7
Brasil, Nordeste e Paraíba, 2007 e 2015
Salários e Outras Remunerações (em milhares de reais)

LOC.	CNAE 2.0	2007	2015
BR	1. Total	R\$ 602.812.132,00	R\$ 1.559.193.355,00
	2.2 Alimentação	R\$ 7.204.911,00	R\$ 25.356.331,00
	2.2.1 Restaurantes e outros serviços	R\$ 5.582.654,00	R\$ 20.044.533,00
	2.2.2 Serviços de catering, bufê e outros	R\$ 1.622.257,00	R\$ 5.311.799,00
NE	1. Total	R\$ 78.052.560,00	R\$ 227.127.923,00
	2.2 Alimentação	R\$ 764.011,00	R\$ 3.177.831,00
	2.2.1 Restaurantes e outros serviços	R\$ 611.065,00	R\$ 2.587.675,00
	2.2.2 Serviços de catering, bufê e outros	R\$ 152.946,00	R\$ 590.157,00
PB	1. Total	R\$ 5.077.395,00	R\$ 15.191.831,00
	2.2 Alimentação	R\$ 36.867,00	R\$ 176.446,00
	2.2.1 Restaurantes e outros serviços	R\$ 32.224,00	R\$ 156.574,00
	2.2.2 Serviços de catering, bufê e outros	R\$ 4.644,00	R\$ 19.872,00

Fonte: Elaboração Própria, com base no IBGE – Cadastro Central de Empresas

A Tabela 7, acima apresentada, demonstra o total de salários e outras remunerações pagos às empresas analisadas no Cadastro Central de Empresas do IBGE, por abrangência geográfica e por grupos e subgrupos conforme a CNAE 2.0. Destaca-se que não foram descontados os efeitos da inflação sobre os salários. No Brasil, o setor de alimentação pagou R\$ 25,36 bilhões em salários no ano de 2015, sendo este valor 251,93% maior do que em 2007. No Nordeste foram pagos R\$ 3,18 bilhões em salários no setor de alimentação, sendo este valor 315,94% maior do que no ano de 2007. Por fim, pagou-se R\$ 176,45 milhões em salários no setor de alimentação Paraibano em 2015, valor este 378,60% maior do que em 2007.

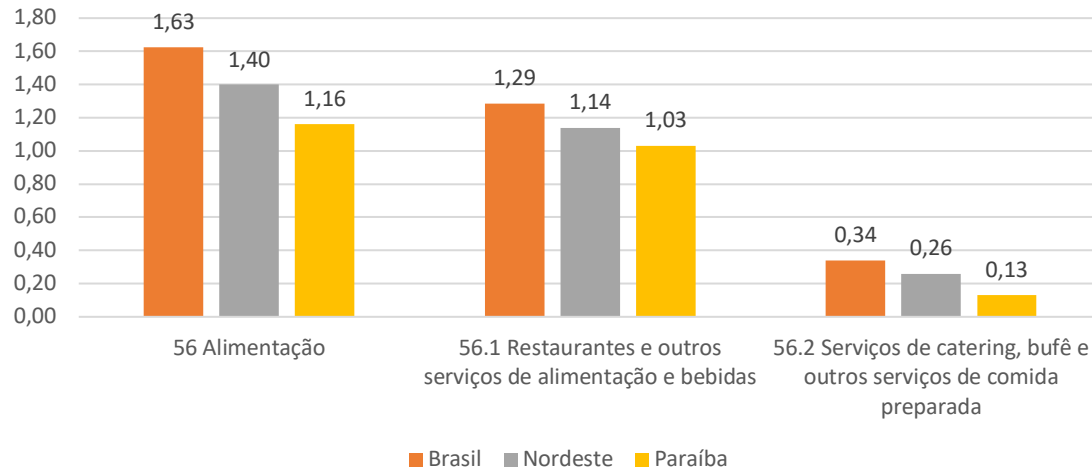
Ao mesmo tempo que demonstra uma valorização do profissional do setor de alimentação na região Nordeste e no estado da Paraíba, demonstra também que o aumento do total de salários pagos deve-se também ao aumento das contratações, conforme Tabela 6.

Vamos verificar se realmente existe esta valorização dos profissionais do setor de alimentação ao destacar a relação entre o total de salários pagos no setor e os salários pagos de todos os setores, conforme Gráfico 11, a seguir.

Gráfico 11

Brasil, Nordeste e Paraíba, 2015

Relação entre Salários e outras remunerações dos grupos e subgrupos de serviços de alimentação e os Salários e outras remunerações totais (em %)



Fonte: Elaboração Própria, com base nos dados do Cadastro Central de Empresas do IBGE

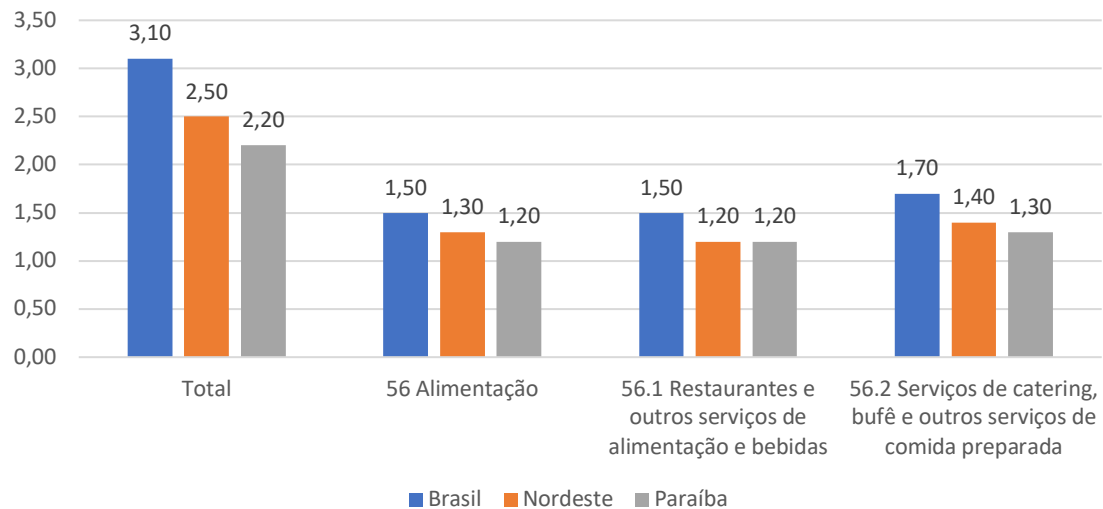
Quando se analisa os salários, as perspectivas são decepcionantes: confrontando os resultados com os gráficos 7 e 9, o setor de alimentação corresponde a 5,34% das unidades locais de empresas brasileiras, 3,60% do pessoal total ocupado, mas apenas a 1,63% dos salários pagos em 2015. Isso significa que os salários são mais baixos que a média dos outros setores, pois o setor tem maior representatividade em número de empresas e de pessoas ocupadas do que em salários.

O mesmo acontece para a região e para o estado. Na Paraíba, o setor de alimentação representa 3,67% das unidades locais, 2,31% do pessoal ocupado total e apenas 1,16% dos salários pagos em 2015.

Isto pode ser melhor ilustrado em termos de salário médio mensal, calculado em salários mínimos. Conforme o Gráfico 12, a seguir, no Brasil, a média salarial de todos os setores em 2015 foi de 3,10 salários mínimos, ante uma média de 1,50 salários mínimos no setor de alimentação. Ou seja, em média ganha-se a metade no setor de alimentação, quando comparado a outros setores. No Nordeste e na Paraíba, a desvalorização é ainda maior pelo reflexo da média salarial menor da região, mas pelo menor chega a ficar mais da metade da média salarial dos outros setores. Nos serviços de catering e bufê, a padronização maior deste subgrupo traz uma média salarial um pouco maior do que nos restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas.

Gráfico 12

Brasil, Nordeste e Paraíba, 2015
Salário Médio Mensal (em Salários Mínimos)



Fonte: Elaboração Própria, com base nos dados do Cadastro Central de Empresas do IBGE

Desta forma, pode-se constatar um crescimento no setor de alimentação em termos de receita operacional, número de empresas e pessoas ocupadas, mas sem um respectivo acompanhamento de valorização do profissional em termos de aumento de salário.

A partir de agora, serão feitas as conclusões e considerações finais.

5. CONCLUSÕES

O objetivo desta pesquisa foi realizar uma análise do setor de gastronomia no Brasil sob a perspectiva econômica, buscando sistematizar informações sobre o setor na perspectiva das empresas do ramo, seus indicadores de desempenho como estas vêm contribuindo para o crescimento da economia brasileira e qual o perfil do mercado de trabalho para esta área.

Podemos dizer que esta pesquisa cumpriu com o seu objetivo, apesar das dificuldades inerentes a coleta de dados.

Com os dados coletados de três pesquisas do IBGE, é possível afirmar que o setor de alojamento e alimentação representou, em 2015, 2,38% do que foi produzido pelas empresas para compor o Valor Adicionado Bruto (VAB) do país, bastando acrescentar os impostos para que se tenha o Produto Interno Bruto da nação.

Falando especificamente sobre as empresas do setor de alimentação, estas corresponderam a 5,34% das unidades locais de empresas brasileiras, 3,60% do pessoal total ocupado, mas apenas a 1,63% dos salários pagos em 2015, demonstrando uma necessidade de maior valorização do profissional da área.

Tratando especificamente do Nordeste e da Paraíba, conclui-se que, no geral, o setor de alimentação cresceu mais na região e no estado do que na média nacional, exceto no que se refere aos salários.

A principal limitação desta pesquisa se refere à falta de padronização dos dados disponibilizados ao público pelo IBGE. Enquanto que o Sistema de Contas Regionais e o Cadastro Central de Empresas disponibilizaram dados também para Nordeste e Paraíba, a Pesquisa Anual de Serviços só disponibilizou a nível de Brasil. Além disso, na Pesquisa Anual de Serviços, só é possível comparar o setor de alimentação com o total de “serviços prestados às famílias”, enquanto que nas outras pesquisas foi feita a comparação com todos os setores (incluindo indústria, agropecuária, administração pública e outros serviços).

Falando especificamente sobre a pesquisa do Sistema de Contas Regionais, não foram encontrados dados desagregados conforme a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0), não sendo possível analisar o setor de alimentação isoladamente, mas apenas em conjunto com as atividades de alojamento. Além disso, mesmo sendo o grupo “alojamento e alimentação”, não foram encontrados os dados dos impostos desagregados para esta categoria, de forma a calcular o Produto

Interno Bruto – PIB da mesma; portanto, esta pesquisa limitou-se a calcular o Valor Adicionado Bruto – VAB e a participação do setor conforme esta variável.

Como ideias de pesquisas futuras, pretende-se dar continuidade a esta mesma linha de pesquisa, atualizando os dados para os anos mais recentes, de maneira a formar uma série histórica de 10 anos, e realizando uma padronização melhor dos dados através da busca dos microdados destas pesquisas, salientando que possivelmente estes são pagos.

Além disso, surgiu a ideia de realizar um mapeamento das empresas do setor de gastronomia na Paraíba, acompanhando a quantidade de empresas, de pessoal ocupado, receita operacional e salários, criando um índice de crescimento do setor. Desta forma,

poderia ser acompanhado periodicamente o setor de gastronomia no Estado, formulando estratégias para o seu melhor desenvolvimento e valorização.

6. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. **A importância da Gastronomia na Economia**. 2013. Disponível em: <http://www.arbache.com/blog/2013/08/a-import%C3%A2ncia-da-gastronomia-na-economia.html> Acesso em: 19 abr. 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ALIMENTAÇÃO – ABIA. **Canais de Distribuição da Indústria de Alimentação no Mercado Interno**. ABIA, 2017. Disponível em: <http://www.abia.org.br/vsn/anexos/mercadointerno2016.pdf> Acesso em: 17 abr. 2017.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BARES E RESTAURANTES – ABRASEL; FISPAL FOOD SERVICE. **Pesquisa de Conjuntura Econômica do Setor de Alimentação Fora do Lar – 2º Trimestre de 2016**. Disponível em: <http://pe.abrasel.com.br/component/content/article/7-brasil-sabor-2016/789-23092016-pesquisa-de-conjuntura-economica-do-setor-de-alimentacao-fora-do-lar-2o-trimestre-de-2016> Acesso em: 19 abr. 2017.

ARBACHE, J. S.; TELES, V. K. **A economia brasileira e a gastronomia**. In: *Gastronomia – Cortes e Recortes*. (Org. Wilma M. C. Araújo e Carla M. R. Tenser). Brasília: Editora SENAC DF, 2006.

BLANCHARD, O. **Macroeconomia**. 5ª Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

CAMARGO, C. **Instituto Foodservice Brasil aponta evolução do setor entre 2013 e 2016**. 2016. Disponível em: <http://www.falandodevarejo.com/2016/03/instituto-foodservice-brasil-aponta.html> Acesso em: 19 abr. 2017.

EGAS. Escola de Gastronomia Aires Scavone. **A Gastronomia - Um pouco de história**. Disponível em: <http://www.egars.com.br/gastronomia> Acesso em: 04 ago. 2018.

ESTADÃO, Economia & Negócios. **O que é o PIB e como ele é calculado**. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/negocios,entenda-o-que-e-o-pib-e-como-este-e-calculado,82627e>. Acesso em: 05 nov. 2017.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE. **Diário Econômico**. 319/2017. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/documents/1342439/2633535/319_20_11_2017.pdf/4716e097-35fb-ce84-9479-8a5ac1e33e95 Acessado em 02 abr. 2018

GUIA DO ESTUDANTE. **Saiba mais sobre a carreira de Gastronomia**. Revista Abril, 26 de março de 2012. Disponível em:

<https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/pordentrodasprofissoes/saiba-mais-sobre-a-carreira-de-gastronomia/> Acesso em: 04 ago. 2018.

GUIA DO ESTUDANTE. **Os 3 melhores cursos de Gastronomia do Brasil.** Revista Abril, 23 de setembro de 2011. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/melhores-faculdades/os-3-melhores-cursos-de-gastronomia-do-brasil/> Acesso em: 04 ago. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Contas Nacionais Trimestrais: Valores Correntes do PIB.** 2017. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/pib/pib-vol-val_201604_8.shtm Acesso em: 18 abr. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Contas Regionais do Brasil 2003-2007.** 2009. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/contasregionais/2003_2007/comentarios.pdf Acesso em 03 ago. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Anual de Serviços.** 2014. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/comercioeservico/pas/pas2014/default.shtm> Acesso em: 18 abr. 2017.

INSTITUTO FOODSERVICE BRASIL – IFB. **Índice de Desempenho Foodservice 2016.** IFB, 2016. Disponível em: <http://www.institutofoodservicebrasil.org.br/post.php?m=MjM=>. Acesso em: 18 abr. 2017.

LOPES, J. A. D. **A Rainha que virou pizza.** Cia Editora Nacional. São Paulo. 2007.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada.** Porto Alegre: Bookman, 2001.

MELO, Josimar. **Restaurantes surgem para matar fome de convívio.** Edição Comemorativa da Folha em Homenagem aos 500 anos do Descobrimento do Brasil. 2000. Disponível em: <http://www1.folha.uol.br/fo1/brasil500/comida14.html>. Acesso em: 17 abr. 2017.

MEZOMO, I.F.B. **O serviço de nutrição, administração e organização.** São Paulo, Ed. CEDAS. 1985.

MUNDO VESTIBULAR. **Onde tem faculdade de Gastronomia.** Disponível em: <https://www.mundovestibular.com.br/articles/18695/1/Onde-tem-faculdade-de-Gastronomia/Paacutegina1.html> Acesso em: 04 ago. 2018.

NOGAMI, Otto. **Princípios de Economia.** São Paulo: Editora Cengage Learning, 2016.

PARAÍBA TOTAL. **PIB da Paraíba registra terceiro maior crescimento do Nordeste.** Canal Paraíba Total, 17 de novembro de 2017. Disponível em: <http://www.paraibatotal.com.br/noticias/2017/11/17/06398-pib-da-paraiba-registra-terceiro-maior-crescimento-do-nordeste> Acesso em: 01 ago. 2018.

PESSOA, M. L. (Org.). **PIB e VAB do RS.** In: _____. Atlas FEE. Porto Alegre: FEE, 2017. Disponível em: <http://atlas.fee.tche.br/rio-grande-do-sul/economia/pib-vab-do-rs/>. Acesso em: 02 ago. 2018.

PITTE, Jean-Robert. **Nascimento e expansão dos restaurantes.** pp. 751-762. In: História da alimentação. (Org. Jean-Louis Flandin e Massimo Montanari). São Paulo: Estação Liberdade, 1998. 885p.

RIBEIRO, C. S. G. **Tudo pronto: o comer fora e o prazer reinventado** – Curitiba (1970-2000). Tese (Doutorado). Universidade Federal do Paraná – UFPR: Curitiba, 2012.

SAVARIN, B. **Fisiologia do gosto.** Trad. P. Neves, São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 1995.

SALARIO.COM.BR. **Salário de Chefe de Cozinha.** Salários de todas as profissões. Disponível em: <https://www.salario.com.br/profissao/chefe-de-cozinha-cbo-271105/> Acesso em: 04 ago. 2018.

SALARIO.COM.BR. **Salário de Gastrólogo.** Salários de todas as profissões. Disponível em: <https://www.salario.com.br/profissao/gastrologo-cbo-271110/> Acesso em: 04 ago. 2018.

VALOR ECONÔMICO. **Alimentação concentra 20% das empresas no setor de serviços, nota IBGE.** Jornal Valor Econômico, 23 de setembro de 2015. Disponível em: <http://www.valor.com.br/brasil/4237816/alimentacao-concentra-20-da-empresas-no-setor-de-servicos-nota-ibge> Acesso em: 18 abr. 2017.